

Manatins e tartarugas no Brasil colonial (XVI-XVIII): apropriação, extrações, consumos e teleconexões oceânicas

Manatees and turtles in Colonial Brazil (16th-18th centuries): appropriation, extractions, consumption and oceanic teleconnections

NINA VIEIRA

<https://orcid.org/0000-0002-6280-9951>

CHAM e Departamento de História, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, 1069-061 Lisboa, Portugal

ANA CATARINA GARCIA

<https://orcid.org/0000-0002-5225-5983>

CHAM e Departamento de História, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, 1069-061 Lisboa, Portugal

CRISTINA BRITO

<https://orcid.org/0000-0001-7895-0784>

CHAM e Departamento de História, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, 1069-061 Lisboa, Portugal

VIEIRA, Nina; GARCIA, Ana Catarina; BRITO, Cristina. Manatins e tartarugas no Brasil colonial (XVI-XVIII): apropriação, extrações, consumos e teleconexões oceânicas *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, São Paulo, v. 32, p. 1-23, 2024.

DOI: <https://doi.org/10.11606/1982-02672024v32e29>

RESUMO: Baleias, peixes-boi e tartarugas (de água doce e marinhas) estão entre as espécies aquáticas mais valorizadas pelos colonos e exploradores europeus do Atlântico ao longo do período moderno. No processo de contato com a ecologia tropical, com base numa percepção de abundância e de recursos inesgotáveis, estes animais foram selecionados como recursos de subsistência, mas também mercantilizados pelos europeus. Isso aconteceu, muitas vezes, com base na observação da sua utilização e captura pelas sociedades locais para fins de alimentação, transformação em utensílios, ou como elementos integrantes das suas práticas religiosas e culturais. Neste trabalho, iremos abordar algumas das questões da exploração local de recursos aquáticos, construídas sobre percepções locais e indígenas e transformadas pelas estruturas coloniais da época moderna. É discutido o caso de manatins e de tartarugas para a América Central e do Sul a partir das fontes históricas, principalmente, para os impérios ibéricos. Assim, mostramos como os animais aquáticos têm sido sistematicamente apropriados, explorados, transformados e mercantilizados, deixando adivinhar algumas das implicações sociais, políticas, econômicas e ambientais para o Atlântico moderno. Estas interações e relações pré-industriais de longa distância, que designamos como teleconexões oceânicas, são sustentadas na utilização e extrações de animais e impactos em ecossistemas do mar aberto, zonas costeiras e estuarinas.

PALAVRAS-CHAVE: História Ambiental Marinha. América do Sul. Fauna e Sistemas Aquáticos. Usos e práticas. Impactos Ambientais.

ABSTRACT: Whales, manatees and (freshwater and marine) turtles are among the aquatic species most valued by european settlers and explorers of the Atlantic throughout the early modern period. While contacting with a tropical ecology, based on a perception of abundance and inexhaustible resources, these animals were selected as subsistence resources, but also commercialized by Europeans. These practices were acquired, often, based on the observation of their use and capture by local societies for food, to make utensils, or as an integral part of their religious and cultural practices. In this paper, we will address some of the issues of the local exploitation of aquatic resources, built on local and indigenous perceptions and transformed by the colonial structures of the early modern era. We will discuss the case of manatees and turtles for Central and South America from historical sources, mainly for the Iberian empires. In this way, we show how aquatic animals have been systematically appropriated, exploited, transformed and commodified, hinting at some of the social, political, economic and environmental implications for the early modern Atlantic. These long-distance pre-industrial interactions and relationships, the so-called oceanic teleconnections, are underpinned by the utilization and extraction of animals with impacts on open sea, coastal and estuarine ecosystems.

KEYWORDS: Marine Environmental History. South America. Aquatic Fauna and Systems. Uses and practices. Environmental Impacts.

INTRODUÇÃO AOS PROTAGONISTAS: PESSOAS, MANATINS E TARTARUGAS

“[...] as águas do rio eram fertilíssimas de várias castas de pescado, mas mui especial de tão inumerável quantidade de peixes bois, e tartarugas, que podiam aqueles moradores fazer tamanhos montes deles, e delas”.

À luz das novas correntes historiográficas no âmbito da história do ambiente e da história dos animais, os animais (não humanos) são encarados e analisados como sujeitos com agência das suas próprias vidas e histórias e, paralelamente, atores das histórias humanas. Tratados como mercadorias, alimentos, como força de trabalho, troféus, seres sagrados, entidades mais-do-que-humanas, ou ainda como objetos de prazer, de adorno, de exibição e poder, para entretenimento ou produção de conhecimento.² As práticas, usos e atitudes sobre animais, por sociedades inseridas em múltiplos contextos ecológicos e culturais, desenvolvem-se nalguns casos de forma convergente e em outros de modo divergente mesmo quando lidando com as mesmas espécies ou grupos taxonômicos.³ Na mesma medida, as percepções sobre os animais, as suas representações e registros na história, patrimônio e memória local, ou a sua inscrição em padrões de compreensão da natureza, podem inserir-se em lógicas normativas e generalizadas de produção de conhecimento e desenvolvimento científico, ou em lógicas tradicionais e indígenas de entendimento e interpretação do mundo natural.⁴ Os grupos originários das Américas utilizam e conhecem bem os recursos naturais e os espaços ecológicos dos seus territórios e respetivas envolventes e com eles se relacionam para além do seu uso enquanto recurso, na medida das necessidades diárias das suas comunidades, numa lógica eco-cultural integrada de exploração de longo termo.

Ao mesmo tempo, os animais aquáticos adquirem, para os humanos, uma importância que se expressa na sua cultura imaterial, mas também na materialidade que se preserva ao longo do tempo e que é produzida, seja em objetos simbólicos ou votivos usados em ritualizações, em adornos ou utensílios. É a partir da observação das práticas locais dos diferentes povos indígenas na América do Central e do Sul que os europeus passam a conhecer alguns desses animais que são parte do ambiente natural deste continente, mas também recursos e símbolos quando integrados na percepção humana.⁵ Após o contato entre povos ameríndios e europeus, o conhecimento sobre esses animais é posteriormente levado até à Europa, seja na forma de relatos e desenhos, seja na forma material, através de objetos feitos a partir de pele ou ossos, e que passam a ser integrados nas novas sociedades modernas. A exploração dos recursos marinhos desempenhou um papel crucial na história global das sociedades humanas e a análise da história e das dinâmicas transoceânicas, desde o início do século XVI, permite elucidar e construir novas narrativas sobre a grande variedade de relações dos humanos com outros animais, plantas e elementos naturais.⁶

1. Vasconcellos (1668, p.36).

2. Duarte, Swart e Soluri (2023, p.9)

3. Holm *et al.* (2023).

4. Duarte (2019), Brito (2023) e Norton (2024).

5. Asúa e French (2005).

6. Duarte (2021), Holm (2022), Brito (2022) e Brito (2023).

7. Vieira (2020 e 2023a).

8. Brito (2019) e Brito (2023).

9. Warsh (2021).

10. Brito (2023).

Nas águas litorais e interiores da América Central e do Sul, a exploração de animais aquáticos exclusivamente tropicais dependia, numa fase inicial da presença europeia, do conhecimento e práticas locais e indígenas. Interessados nesses animais, vistos então exclusivamente como recursos pelas primeiras comunidades de matriz europeia, a aposta em práticas extrativas, suportadas pelo trabalho indígena, conduziu à mercantilização desses animais. Gradativamente, estas práticas tornam-se contínuas e intensivas, alterando os processos aparentemente equilibrados de recuperação e regeneração de populações naturais e ecossistemas. Essa atividade extrativa passa a constituir um interesse econômico, cultural e científico transoceânico e global, construído a partir de modelos econômicos europeus, causando a ruptura das práticas locais e o desequilíbrio dos ecossistemas. Tais extrações podem ser exemplificadas com a captura e utilização de baleias,⁷ manatins,⁸ tartarugas, pirarucus, pérolas,⁹ coral e âmbar, entre outros animais de origem marinha e de água doce.

No caso de dois grupos, taxonomicamente distintos, peixe-boi ou manatim (*Trichechus* sp.), e tartarugas (de águas interiores e marinhas) (Ordem Testudines), encontramos aspetos da sua ecologia, padrões comportamentais e utilização de habitat que se assemelham e que potenciam práticas humanas comuns ou paralelas. Em ambos os casos, são animais aquáticos que se aproximam ou se avistam de terra (no caso dos manatins), ou que utilizam o espaço litoral (no caso das tartarugas para desovar), potenciando o contato e a observação por parte das pessoas e, desta forma, tornando-se alvos fáceis de captura. Neste trabalho interessa-nos perceber de que forma a ecologia aquática tropical destes dois grupos de animais - manatins e tartarugas - foi apreendida, percebida e apropriada pelos europeus na sequência do contato com as sociedades indígenas das Américas, considerando as diferentes dinâmicas locais e globais/imperiais, redes de contato e de transferência de conhecimento e de produtos. Da mesma forma, tentaremos acentuar a percepção local e as práticas sobre estes animais-recursos, simultaneamente animais-símbolos.

Trabalhando os casos de manatins e de tartarugas para a América Central e do Sul, procuraremos abordar algumas das questões, focadas na dimensão da exploração local de recursos aquáticos, como suporte às construções imperiais europeias, considerando também a dimensão da passagem de conhecimento e das porosidades nas relações entre comunidades indígenas e europeus, processos mútuos. Peixes-boi e tartarugas tiveram grande relevância para as sociedades pré-contato e pós-contato, tendo sido transformados em produtos com grande valor econômico. Apresentados aos europeus por diferentes sociedades indígenas das Américas, tornaram-se uma fonte de alimento muito apreciado pelas sociedades coloniais e, paralelamente, elementos exóticos que despertaram a curiosidade científica do olhar cartesiano europeu. A partir destes animais, vários produtos manufaturados passaram a integrar a farmacopeia local e europeia entrando desta forma nas redes de produção e trocas comerciais regionais e transatlânticas.¹⁰ Assim, esses grandes animais aquáticos, para além de terem

ganho o seu espaço na produção científica da história natural europeia, entrando nos circuitos da globalização ecológica da época moderna, têm uma história ambiental própria ainda por ser contada.

Os manatins ocorrem apenas no Atlântico tropical e subtropical, existindo três espécies na atualidade com diferentes áreas de distribuição, com exceção de uma região no norte do Brasil onde duas espécies ocorrem em simpatria na região costeira associada à foz do Amazonas (Figura 1). Estes grandes mamíferos são exclusivamente herbívoros, ocupam as grandes bacias hidrográficas e zonas costeiras da costa ocidental africana, das Caraíbas e da costa oriental da América do Sul, vivem em pequenos grupos familiares e fazem deslocamentos ou pequenas migrações dentro da sua área de distribuição. Sendo altamente costeiros, lentos na sua deslocação e vindo à superfície para respirar e descansar, têm uma história comum com os seres humanos que habitam as suas áreas de distribuição. Esses animais fornecem carne e gordura em grandes quantidades, para além dos seus ossos, dentes e pele serem igualmente utilizados para finalidades que vão desde a alimentação à medicina e práticas mítico-religiosas.



Figura 1 - Mapa de distribuição atual de Manatim-do-Amazonas (*Trichechus inunguis*) (a verde) e Manatim-das-Índias-Occidentais (*Trichechus manatus*) (a azul), ambos com estatuto de conservação *Vulnerável*. (IUCN (International Union for Conservation of Nature) 2016. *Trichechus inunguis*. The IUCN Red List of Threatened Species. Version 2023-1 <https://www.iucnredlist.org/species/22102/43793736>; IUCN 2008. *Trichechus manatus*. The IUCN Red List of Threatened Species. Version 2023-1 <https://www.iucnredlist.org/species/22103/9356917>). A fotografia inserida no mapa mostra um Manatim-das-Índias-Occidentais ©Humberto Bahena.

As tartarugas são répteis aquáticos de ecossistemas oceânicos e de água doce, ovíparos, da Ordem Testudines da qual existem atualmente apenas 14 famílias extantes, a maioria das quais em estado preocupante de conservação e com os seus efetivos populacionais a decrescer. A distribuição das numerosas espécies de tartarugas é global, com algumas espécies endêmicas de determinadas regiões geográficas e com algumas espécies de tartarugas marinhas a serem consideradas globais, como seja, a tartaruga verde (*Chelonia mydas*) (Figura 2). Sendo animais aquáticos, todas as espécies têm uma ligação ao meio terrestre onde vêm desovar. As tartarugas marinhas são grandes migradores oceânicos e, em particular, estabelecem uma ligação à sua praia de origem já que as fêmeas viajam milhares de quilômetros para colocar os seus ovos nas proximidades do local onde nasceram. As tartarugas marinhas depositam centenas de ovos em cada nidificação e são uma rica fonte de proteína animal; da mesma forma, as espécies de tartarugas de rio seriam igualmente abundantes e potencialmente valiosas para as sociedades ribeirinhas.

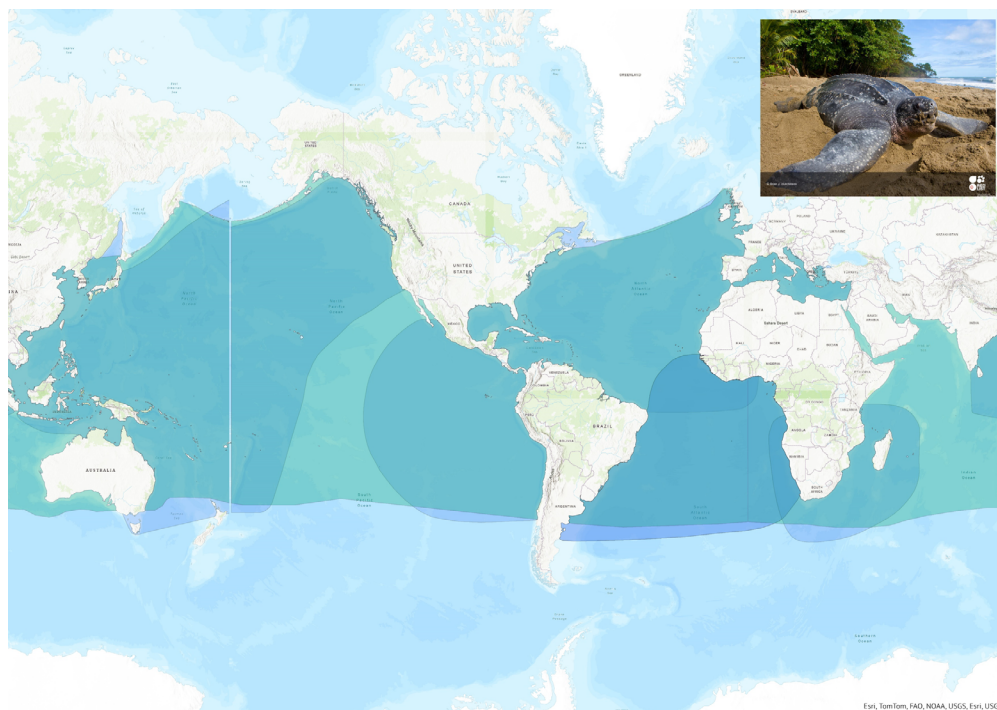


Figura 2 - Área de distribuição global de duas espécies de tartarugas-marinhas, Tartaruga-verde (*Chelonia mydas*) (a verde) e Tartaruga-de-couro (*Dermochelys coriacea*) (a azul), sendo a área mais escura a sobreposição de ocorrência das duas espécies (IUCN SSC Marine Turtle Specialist Group 2023. *Chelonia mydas*. The IUCN Red List of Threatened Species. Version 2023-1 <https://www.iucnredlist.org/species/4615/247654386>; International Union for Conservation of Nature (IUCN) 2013. *Dermochelys coriacea*. The IUCN Red List of Threatened Species. Version 2023-1 <https://www.iucnredlist.org/species/6494/43526147>). A fotografia inserida no mapa mostra uma Tartaruga-de-couro ©Brian J. Hutchinson.

Nesta abordagem, consideramos a apropriação humana numa perspectiva histórica, focada nas recém-formadas sociedades coloniais, onde se reconhece o valor desses animais como recurso vital para a sobrevivência dessas comunidades. Cientes do seu papel no meio ambiente e da sua própria dinâmica biológica, ecológica e cultural, onde se incluem também as interações entre esses animais e as diferentes sociedades ameríndias pré-contato, importa neste estudo analisar criticamente o que as fontes europeias retiveram e qual foi a sua perspectiva como sociedade de época moderna, sobre esses animais. Apesar das múltiplas realidades presentes no espaço centro e sul americano, buscamos de forma comparada similitudes e equivalências nas interações humanas com esses animais, procurando entender de que forma a gradual intensidade das suas capturas pode ou não ter impactado os ambientes de então e consequentemente serem fatores a considerar para o estado de espécies ameaçadas ou em vias de extinção, na atualidade.

CONTATO EUROPEU COM A ECOLOGIA TROPICAL E APROPRIAÇÃO DO SABER

Com o estabelecimento dos primeiros contatos entre europeus e os diferentes povos e civilizações indígenas do continente americano, deu-se início a processos de conquista e domínio, mas também de aquisição de novas percepções, trocas e apreensão de novos conhecimentos que alteraram a visão do mundo conhecido até então. O impacto destes contatos não foi igual, nem teve a mesma intensidade nas diferentes sociedades originárias.¹¹ Ocorridos em momentos e espaços distintos, a intensidade dos processos de exploração dependeu de diversos fatores, muitas vezes relacionados com a identificação dos recursos disponíveis. Numa primeira instância, a necessidade de sobrevivência dos europeus ditou a busca inicial por água potável e alimentos. Contudo, o olhar rapidamente se foi focando tanto na observação do território, como no reconhecimento de possíveis perigos, assim como na busca de locais estratégicos e defensáveis.¹² Na identificação de recursos naturais, sejam eles de origem animal, vegetal ou mineral, a observação dos hábitos e costumes das populações locais foi essencial para a criação de novos referentes sobre as dinâmicas ecológicas locais. Independentemente da necessidade de identificar a viabilidade dos territórios para futuros assentamentos, o processo de contato dos europeus com esses ambientes significou, na maioria dos casos, uma apropriação imediata dos recursos naturais disponíveis.¹³ A observação de hábitos alimentares locais e de animais que mais facilmente poderiam ser capturados permitiu, desta forma, identificar espécies-alvo e a construção subjacente de gostos e procuras europeias para mercados locais, regionais e imperiais.¹⁴

11. Harris (2017).

12. Childs (2012), Santos e Fiori (2020).

13. Cañizares-Esguerra (2018).

14. Seixas (2003).

15. Harris, *op. cit.* (2017).

16. Elliott (2011).

17. Pero Vaz de Caminha (1999, p.72), ao descrever as sociedades locais, afirma que “Eles não lavram nem criam. Não há aqui boi, nem vaca, nem cabra, nem ovelha, nem galinha nem qualquer outra alimária que acostumada seja ao viver dos homens. Nem comem senão desse inhame, que aqui há muito e dessa semente e frutos que a terra e as árvores de si lançam. E com isto andam tão rijos e tão nédios que o não somos nós tanto com quanto trigo e legumes comemos”. Seixas, *op. cit.* (2003, p.34).

18. Santos e Fiori (2016).

19. A ingestão de insectos não caberia nos padrões alimentares europeus onde determinados animais eram vistos como “impuros” para a ingestão humana. Nunn e Qian (2010) e Overal (2001).

A multiplicidade de sociedades presentes no vasto continente americano não permite generalizações quanto a esses processos de apropriação de hábitos, costumes e saberes, sem antes salvuardarmos que as diferentes entidades culturais que caracterizaram cada uma dessas sociedades determinam o modo como os europeus se foram instalando. No processo de encontro com a ecologia tropical, importa perceber de que forma manatins e as tartarugas foram apreendidos e escolhidos como “bons recursos” para os europeus, tendo em conta que muitos destes animais já eram utilizados pelas sociedades locais para alimentação, para a transformação em utensílios, ou como elementos integrantes das suas práticas religiosas e culturais.¹⁵

No caso do Brasil, o processo de colonização portuguesa foi lenta e progressiva, principalmente nas zonas mais afastadas da orla costeira.¹⁶ A vastidão do território, a dificuldade em ultrapassar o denso coberto vegetal, o clima quente e húmido e a abundância de insetos e a presença de animais eventualmente letais aos humanos, dificultaram o processo de avanço sobre o território. Conjugam-se com estes, os desafios em estabelecer qualquer tipo de atividade agrícola, especialmente de cereais, assim como, a produção animal, especialmente a criação de animais que faziam parte da dieta europeia como aves, caprinos ou bovinos.¹⁷ Muitas das tentativas iniciais de produção de gado não foram bem-sucedidas, já que estes podiam ser atacados por animais selvagens ou por doenças tropicais, o mesmo ocorrendo com as culturas de cereais que acabavam por ser atingidas por pragas ou insetos.¹⁸ A necessidade de os europeus manterem os seus padrões culturais de origem levou à busca de animais com características aproximadas às de referência, já que apesar da abundância de insetos e dos mesmos fazerem parte das dietas indígenas, este recurso natural não foi usado.¹⁹

Ao mesmo tempo, ao longo do século XVI, os primeiros estabelecimentos portugueses e castelhanos na América do Sul careciam de recursos humanos e financeiros para a constituição de grandes assentamentos. Esta circunstância levou a que só mais tarde, a partir da segunda metade do século XVII, já com um maior conhecimento do espaço físico e natural e maior afetação de pessoas, se assistisse a uma maior intensificação na ocupação e apropriação do território. A abundância e diversidade de peixe, tartarugas e manatins nos vastos cursos de água do Amazonas garantiu a subsistência dos europeus, espécies que já faziam parte da dieta das populações locais. No contato e na troca de experiências, os europeus terão aprendido não só a caçar esses animais como deles retirar a carne, gordura, pele, dentes ou carapaças, mas também a mantê-los em cativeiro. Na região do Amazonas, as necessidades de recursos para a subsistência dos europeus, incluindo portugueses, castelhanos, ingleses, holandeses e irlandeses levou a um recurso permanente da fauna e flora locais. No caso das tartarugas, dada a sua abundância, foram consideradas um importante recurso, uma vez que a facilidade com que podiam ser capturadas e o fato de poderem ser mantidas

em cativeiro garantia um recurso vivo e fresco.²⁰ Contudo, desde os primeiros momentos, a busca por produtos que pudessem ser lucrativos para o comércio também acompanhou a atenção dos colonizadores. No caso concreto da colonização da região da Amazônia, o recurso a manatins, tartarugas e pirarucus foi particularmente intensivo, principalmente a partir do século XVIII,²¹ contribuindo para tal a intensificação de um comércio baseado em produtos como manteiga e carapaças de tartaruga, e também, a sua gordura e carne importantes para abastecer as populações e quartelamentos militares que se dispunham ao longo dos vários braços de Amazonas. Apesar da aceitação generalizada do potencial desse recurso alimentar, a apropriação para a dieta não ocorreu da mesma forma entre todos os grupos de europeus, ou seja, existem evidências de que os padrões culturais específicos de gosto e preferência alimentar influenciaram a procura e utilização de recursos. Se por um lado, houve uma adaptação do paladar europeu aos novos sabores,²² por outro lado, algumas referências indicam que, por exemplo, castelhanos não teriam tanto apreço pelo consumo de tartaruga como tiveram os portugueses no Brasil ou os ingleses nas Caraíbas.²³ Ainda assim, é no momento de oferta ou apresentação ao 'Outro' estrangeiro da realidade ecológica tropical, aquando dos primeiros contatos, que se estabeleceram as relações entre as diferentes sociedades e entre as pessoas e estes animais.

ANIMAIS TROPICAIS E PRÁTICAS LOCAIS PARA CONSUMOS EUROPEUS

A presença dos animais e a percepção (europeia) de abundância potencializaram uma noção de infinitude de recursos disponíveis e passíveis de serem explorados, onde a água, ou se quisermos, os ecossistemas aquáticos, foi cedo entendida como um elemento promotor de subsistência e riqueza: "Águas são muitas, infindas. Em tal maneira é graciosa que querendo-as aproveitar, dar-se-á nela tudo, por bem das águas que tem"²⁴.

Numa fase inicial essa exploração poderá ter sido basilar na subsistência local colonial já que os ecossistemas aquáticos eram ricos em biodiversidade de espécies - tinham recursos amplos, diversos e abundantes. Descrições sobre diferentes animais e os seus usos estão presentes nas fontes documentais escritas de forma recorrente ao longo do tempo, com referência, por exemplo, no *Tratado Descritivo do Brasil* de Gabriel Soares de Sousa (1587), ou na *História dos Animais e Árvores do Maranhão* de Cristóvão de Lisboa (1625-1631), até à *História Geral do Brasil* de Francisco Adolpho de Varnhagen (1854), passando, naturalmente, pelas viagens filosóficas oitocentistas. A obra de Frei Cristóvão de Lisboa é particularmente interessante, pelo conteúdo informativo e descritivo dos animais e suas utilidades, potenciadas pelas ilustrações que incluiu em

20. Gilmore (1987, p. 218), Fiori e Santos (2015, p.72).

21. Veríssimo (1895), Marlon e Santos (2013), Fiori e Santos, *op. cit.* (2015).

22. Seixas, *op. cit.* (2003, p. 94).

23. Parsons (2000, p. 571).

24. Caminha, *op. cit.* (1999, p. 75). Para além das aves, como papagaios, e animais terrestres, também são referidos n'A *Carta* animais marinhos, nomeadamente os que foram pescados para consumo como camarões, peixes e um tubarão que "Bartolomeu Dias matou, lhes levou e lançou na praia" (p. 68).

25. Lisboa (2000, p. 136-137, 170-171, 204-205).

26. Inúmeras referências ao consumo de tartaruga estão descritas em Brito (1735-1736). Para a região das Caraíbas, veja-se o relato sobre os marinheiros que sobreviveram alimentando-se de tartarugas e pinípedes em Cruz (1984, p.324).

27. Vieira e Brito (2017).

28. Sousa (1879 [1587]).

29. d'Evreux (1874, p. 152-153).

30. Varnhagen (1854, p. 117-118).

31. *Id.*, p.118.

cerca de 156 fólhos. Entre os mamíferos aquáticos, o autor refere ao manatim ou peixe-boi, do qual todo o corpo se aproveitava para consumo e fabrico de manteiga, o boto-da-Amazônia (*Inia geoffrensis*) e o animal que chama de golfinho, conhecido por tucuxi (*Sotalia fluviatilis*), possivelmente naquela que foi a primeira descrição dessas duas últimas espécies para a ciência. Entre as tartarugas, distinguem-se as espécies de água doce das marinhas, as suas características morfológicas e o aproveitamento de ovos e carne usados para consumo e iluminação.²⁵

De fato, manatins e tartarugas, foram animais explorados intensivamente por colonizadores europeus na América Central e do Sul. No Brasil, muito concretamente nas águas do Amazonas e seus afluentes, estes animais, aos quais acrescentamos o grande peixe pirarucu (*Arapaima gigas*), foram vistos, descritos, caçados e transformados. Alguns destes animais, como as tartarugas, começaram logo a ser reconhecidos nas viagens marítimas, sendo utilizados amiúde como alimento a bordo ou em casos de naufrágio em ilhas desertas.²⁶ Outros nunca tinham sido observados por europeus, como o manatim ou o pirarucu, cuja percepção sobre a sua utilidade partiu da observação das práticas indígenas.²⁷ No caso das tartarugas, a novidade foi, por um lado, a riqueza de espécies nas águas costeiras e fluviais do Caribe e do Brasil e, por outro, várias praias destas ilhas ou costas serem locais de desova. Tal como descrito, por exemplo, por Gabriel Soares de Sousa, eram apanhadas muitas tartarugas com carapaças do tamanho de adargas, “as quaes poem nas arêas infinidade de ovos dos quaes se comem sómente as gemmas”²⁸. Na sua expedição ao Maranhão, entre 1613 e 1614, o naturalista francês Yves d'Evreux observou as práticas locais de captura de tartarugas e o próprio terá mantido, pelo menos, vinte e cinco tartarugas vivas em “lugar humido e fresco, deitando-lhes todos os dias um pouco d'agoa, e assim se conserváram sem comer por mais de seis semanas”²⁹. D'Evreux reportou ainda como eram cozinhadas, opinando sobre a forma que as tornava mais saborosas, e os benefícios do seu consumo e utilização como remédio para as populações indígenas. Já no século XIX, o historiador Francisco Adolfo de Varnhagen afirmaria que, no passado “os habitantes das margens do Amazonas usavam para colher as tartarugas da mesma indústria ainda agora empregada”³⁰, reforçando a ideia de que as práticas se mantiveram por vários séculos - “Esperavam-nas quando vinha a desovar, e com um espeque as reviravam para o ar e daí as levavam a nado nas canoas presas por um buraco feito na couraça, metiam-nas em alvercas fechadas, e as nutriam até matá-las. Também as apanhavam acertando-lhes no pescoço com as frechas expelidas por elevação”³¹ (Figura 3).



Figura 3 - Ilustração de uma paisagem costeira numa ilha das Caraíbas mostrando um homem a revirar uma tartaruga numa praia e ao fundo, numa embarcação, tartarugas a serem caçadas com uma lança. Na obra de Jean Baptiste Du Tertre. *Histoire generale des Antilles habitées par les François ... Tome II*, Paris. Chez Thomas Iolty, au palais, en la Salle des Merciers, à la Palme, & aux Armes d'Hollande. [1667] © John Carter Brown Library. Disponível em: <https://jcb.lunaimaging.com/luna/servlet/s/53hp6i>.

Essas práticas não parecem ser muito diferentes das que eram conduzidas no mar das Caraíbas, onde eram “inumeráveis as Tartarugas” que serviam a subsistência da população, e manter os animais em cativeiros funcionava como um meio de armazenamento de carne fresca.³² Recorria-se também aqui, pelo menos desde o século XVI, à captura dos animais vivos e colocados “em estacadas, que tem feito dentro do mar como viveiros, donde as tiraõ à vespera do dia, que as haõ de talhar, de tarde; e virando-as de côstas, ficaõ assim junto da agoa aquella noite sem mais guarda, e muito seguras de fugir; porque não podendo naquella postura chegar com as mãos ao chaõ, não se pòdem virar por si. Tirase-lhes de dentro a cada huma hum fermoso sesto de ovos, muy diferentes dos das gallinhas em tres couzas: a primeira, em serem muito redondos: a segunda, em não crearem por fóra aquella casca dura: a terceira, em não endurecerem nunca, por mais que os cozaõ, ficando sempre a gema liquida”³³. A carne das tartarugas, por se tratarem de animais aquáticos e não exclusivamente terrestres, era consumida nos dias santos.³⁴ O mesmo aconteceu com as duas espécies de manatins das Américas, utilizadas pelas populações indígenas pela sua carne, com fins mágicos e medicinais, e desde logo pelos europeus como alimento.³⁵ Alexandre Rodrigues Ferreira, na sua reco-

32. Wing (2000, p. 56).

33. “Relação da Viagem e Sucesso que teve a Nao S. Francisco Em que hia o Capitaõ Vasco da Fonseca, Na Armada que foy para a India no Anno de 1596”. Brito (1736, p. 387).

34. *Id.*, p. 385-386.

35. Vieira e Brito, *op. cit.* (2017).

36. Vieira, Brito e Roque (2020).

37. Veja-se “Memória sobre as tartarugas”, p.26-31, “Memória sobre as variedades de tartarugas que há no Estado do Grão-Pará e do uso que lhe dão”, p.33-35, “Memória sobre a Jurararetê”, p.37-43, “Memória sobre o peixe-boi e do uso que lhe dão no Estado do Grão-Pará”, p. 59-65. Ferreira (1972).

38. AHU_ACL_CU_020, Cx. 1, D. 28 (1755); AHU_ACL_CU_013, Cx.103, D. 8130 (1793).

39. Wing, *op. cit.* (2000, p. 56).

40. Buisseret (2001, p. 233).

41. “Also they are here daily supplied with manatee and good tortoise”, *Id.*, p. 238.

42. “being arrived they putt their tortoise in pennis or crawles made with piles in the sea in Chocolatahole, at the entrance into Port Royal Harbour, and here they feed ‘em with sea grass untill such time as they sell’ em to the butcher”, *Id.*, p. 153.

43. Tradução livre do original pelas autoras: “I have now seen turtle almost every day, and though I never could eat it at home, am vastly fond of it here, where it is indeed a very different thing”. Parsons, *op. cit.* (2000, p. 570).

44. Villalobos (2021), Apolinário e Pimenta (2022).

45. AHU_ACL_CU_009, Cx. 14, D. 1415 (1724).

46. Villalobos, *op. cit.* (2021, p.13, 16).

nhecida Viagem Filosófica (1783-1793), descreveu diferentes espécies de animais aquáticos³⁶ e diferentes formas de captura de tartarugas e manatins, sendo a sua carne consumida fresca (apenas no caso da primeira), cozida, assada ou frita e que delas se faziam as provisões de carne seca ou em conserva em potes (mixira), afirmando que estavam entre os animais com “um consumo notável por todo o Estado”³⁷. Tartarugas e manatins eram consumidos por todos, desde os moradores aos governadores de capitânias, passando pelos regimentos que exploravam o Amazonas e seus afluentes.³⁸ Esta criação de novos hábitos alimentares europeus adveio do confronto com a natureza local e com a necessidade de obter fontes alternativas de proteína alimentar, abandonando-se ou substituindo-se os gostos e recursos familiares por aqueles utilizados pelas populações originárias das regiões.³⁹ Na Jamaica, mais concretamente na cidade inglesa de Port Royal, existiam dois mercados, um de peixe e um de carnes onde era vendida carne de vaca, carneiro, porco, cabra, manatim e tartaruga.⁴⁰ John Taylor, cronista que descreveu exaustivamente a presença inglesa na ilha da Jamaica nos meados do século XVII, e em particular aquela cidade, refere que o abastecimento deste tipo de carnes era diário o que se pressupõe uma intensa captura destes animais a par já com a produção local de gado de origem europeia.⁴¹ É referida também a construção de estruturas que serviam de viveiros para as tartarugas, que aí eram mantidas vivas, sendo mortas diariamente para abastecer o mercado.⁴² A viajante escocesa Janet Schaw escreveria aquando da sua visita à Antígua, na década de 1770 - “Já vi tartarugas quase todos os dias, e embora nunca o pudesse comer em casa, sou vastamente afeiçoada a elas aqui, onde é de fato uma coisa muito diferente”⁴³.

No Brasil, a organização dos melhores pontos de captura em Pesqueiros da Fazenda Real ou de missões religiosas contou, obrigatoriamente, com os saberes indígenas e o conhecimento etnológico local e da biodiversidade.⁴⁴ Para a captura de tartarugas, manatins (Figura 4) ou pirarucu, eram necessários o conhecimento e a mão de obra indígena, ou, como seria afirmado “sem os ditos índios se não pode estabelecer este comércio [de caça e venda de manatins]”⁴⁵. Na América Central, mais concretamente na Colômbia, os “manatieros” eram indígenas ‘pescadores’ de manatins que caçavam, simultaneamente, para quem lhes encomendava o serviço e para o seu próprio sustento, sendo os homens responsáveis pela captura do animal e as mulheres por tratar a carne a gordura dos animais.⁴⁶

Manatins e tartarugas eram muitas vezes considerados em conjunto, fosse na forma e dinâmica da sua captura, do seu processamento e transformação, e de transporte e comercialização a nível local e regional. Aparecem nas diferentes tipologias de fontes documentais lado a lado, tal como muitas vezes nas listas de cargas, transporte e vendas, o que parece refletir um paralelo na perceção e prática da sua utilização, assim como do seu valor económico. A análise da documentação relativa à organização dos pesqueiros e dos seus currais (estruturas fixas de manu-

tenção e captura de animais), permitirá uma contabilização dos animais capturados e/ou da quantidade de produtos derivados, estudo que apresentaremos no futuro, assim como uma investigação sobre práticas de domesticação. Principalmente no que diz respeito a uma exploração, eventualmente mais organizada e com fins comerciais desses animais a partir da segunda metade do século XVIII, consequente do investimento econômico pombalino e a criação das companhias comerciais, nomeadamente a Companhia Geral de Grão-Pará e Maranhão (fundada em 1755).

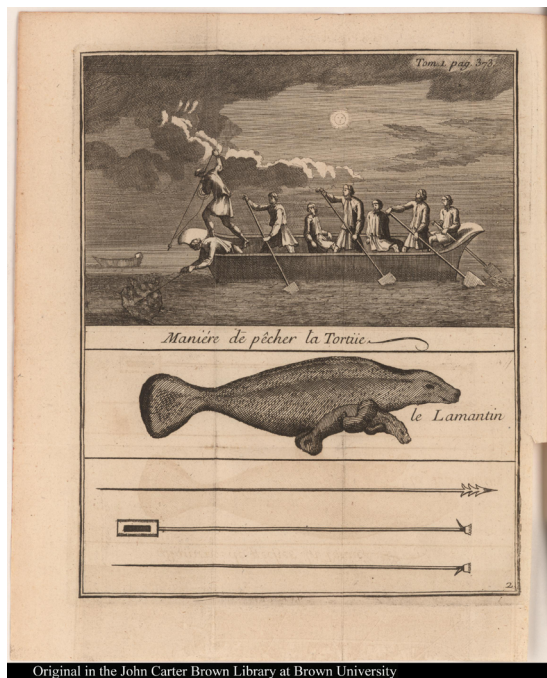


Figura 4 - Ilustrações mostrando, acima, o modo de ‘pescar’ a tartaruga a partir de uma embarcação e usando uma lança ou arpão e, abaixo, um manatim e os arpões usados para a sua captura a qual muitas vezes se fazia igualmente a partir da proa de pequenas embarcações. Também aqui, neste caso para as Caraíbas, encontramos a similitude na tecnologia de caça empregada tanto para tartarugas como para manatins. Na obra de Alexandre Olivier Exquemelin. *Histoire des aventuriers flibustiers ... Tome premier*. A Trevoix, Par la Compagnie [1744] © John Carter Brown Library. Disponível em: <https://jcb.lunaimaging.com/luna/servlet/s/r2uj1t>

Para além da utilização desses animais como fonte de alimento, os seus ossos, peles e carapaças constituíram uma matéria-prima importante, para ambas sociedades - as europeias e as ameríndias. Por exemplo, anzóis de manatim produzidos localmente eram integrados na equipagem das canoas que navegavam os rios, fazendo assim parte do rol de instrumentos europeus.⁴⁷ Das carapaças das tartarugas fazia-se o revestimento de ou incrustações em sacrários, altares e cúpulas de púlpitos, como aconteceu na Igreja do Seminário de Belém em Cachoeira, na Bahia.⁴⁸ Produziam-se ainda inúmeros objetos com valor comercial, como caixas ou pentes, discutindo-se e diferenciando-se, várias vezes, a qualidade entre diferentes tipos de tartarugas (espécies, eventualmente), para diferentes fins.⁴⁹

Para além do consumo europeu nos territórios americanos, os animais - vivos ou mortos, inteiros ou em partes, como carapaças ou “cascos” de tartaruga, em embrulhos ou caixotinhos⁵⁰ - eram enviados com diferentes fins para Lisboa e Londres. À primeira cidade chegou, em 1788, uma gaiola com tartarugas vivas para o Real Gabinete⁵¹ ou em 1799, para a Real Quinta de Queluz, “uma Tartuga grande,

47. AHU_ACL_CU_020, Cx. 10, D. 401 (1785).

48. AHU_ACL_CU_005, Cx. 26, D. 4894 (1760). A Igreja do Seminário de Belém foi fundada em 1686, pelo padre Alexandre de Gusmão da Companhia de Jesus.

49. “Há uma espécie cuja carne é excelente para comer, e que serve de alimento para as equipagens dos Navios, que navegam nos ditos mares; esta carne refresca o sangue, e cura do escorbuto: Há tais Tartarugas, cuja carne pesa 200 arráteis, além dos numerosos ovos, e dá muita gordura que elas contém; tem-se introduzido de tal sorte a moda de comer Tartarugas na Europa; que de Inglaterra; e de Holanda, se costumam mandar navios à América para pesca-las, e trazê-las vivas, o que se executa facilmente regando-as de tempo a outro com água do mar, porém a concha desta espécie não é boa; a melhor vem de uma outra espécie menos grande, cuja carne, pelo contrário, não presta, e a qual os Franceses chamam *Caret*; com a concha deste *Caret* é que se fazem os pentes, caixas [...]”. O autor refere ainda que em Portugal se produzem os melhores pentes de tartaruga, assunto que não exploramos nesta publicação pelo pouco que ainda sabemos sobre esta produção. Sales (1761-1773).

50. AHU_ACL_CU_009, Cx. 45, D. 4401 (1771); AHU_ACL_CU_013, Cx. 71, D. 6064 (1773).

51. AHU_ACL_CU_013, Cx. 98, D. 7785 (1788).

52. AHU_ACL_CU_005, Cx.
54, D. 10432 (1779).

53. Parsons, *op. cit.* (2000,
p. 571).

54. Glasse (1747).

em que poderá conservar-se no Lago da mesma Quinta, em que achará pequenos peixes de que ela se sustenta”⁵². Em 1753 e 1754, chegavam grandes tartarugas a Inglaterra para exibição e consumo e alguém faria a observação de que “o que é comum nas Índias Ocidentais é um luxo aqui”⁵³. As tartarugas integravam, assim, não só os hábitos alimentares nas colônias britânicas, mas também de algumas elites europeias, como se entende, por exemplo, pelo livro de receitas *The Art Of Cookery* (1747) da britânica Hannah Glasse, onde a autora incluiu o capítulo “To dress a Turtle, the West-India Way”⁵⁴. Assim se verifica que, independentemente da sua finalidade última para as sociedades europeias, existiu da parte destas uma procura clara, não apenas da novidade exótica, mas de integração - ou melhor, de assimilação - de novos sabores e, portanto, novas preferências alimentares e novas realidades eco-culturais com origem em espaços e experiências distantes.

TELECONEXÕES OCEÂNICAS: EXTRAÇÕES LOCAIS, CONSUMOS REGIONAIS E GLOBAIS

Peixes-boi, tartarugas marinhas, várias espécies de baleias, e ainda outros animais aquáticos, estão entre a megafauna mais valorizadas pelos exploradores europeus do Atlântico ao longo do período moderno. Na costa ocidental de África, na América Portuguesa ou nos mares das Caraíbas, estes animais e os seus produtos foram considerados pelos europeus como recursos importantes para a subsistência das primeiras colônias, o abastecimento alimentar a bordo e como mercadorias comerciais globais. A sua apropriação e extração estavam dependentes do conhecimento local - na sua maioria tradicional e indígena, e adquirido a partir desta experiência e mão-de-obra -, então transformado em tecnologia e conhecimento de matriz europeia que viajava por ligações e redes de longa distância através de rotas transatlânticas.

Os peixes-boi e as tartarugas marinhas, pelo contrário, eram completamente desconhecidos enquanto potencial recurso comercial e nunca tinham sido explorados pelos europeus. Encontramos, no caso destas espécies, um paradigma desenvolvido a partir da percepção e de reação à possibilidade de exploração de um recurso até então nunca utilizado. Este é um processo de observação e aprendizagem unilateral que se transforma numa dinâmica de apropriação, não apenas do recurso em si, mas das práticas empregadas e do conhecimento local sobre o mesmo. As sociedades indígenas costeiras pré-contato, em África e nas Américas, conheciam esses animais, os seus hábitos e sua ocorrência; dependiam da carne, óleo e ovos dos animais, e os processos e usos foram sendo aprendidos e utilizados pelos colonos. Transforma-se, ainda, num claro processo de mercantilização e disrupção da ecologia e culturas locais e indígenas, no qual a demanda parte de um espaço centralizado e

distante - a Europa, ou os seus representantes nos espaços coloniais - mas que atua e impacta uma realidade local e regional.

Por outro lado, é já bem sabido que as baleias forneciam carne e combustível para iluminação na Península Ibérica desde os tempos medievais e foi a sua abundância nos mares do sul que desencadeou o interesse e consequente exploração desde o início do século XVII. Não era um empreendimento fácil apanhar uma baleia, mas o lucro da totalidade de uma baleia valia a pena o esforço e o investimento.⁵⁵ No caso das baleias capturadas nas costas da América colonial portuguesa, verificou-se uma prática oposta à captura de animais tropicais. Ocorreu uma transferência de tecnologia e de prática extrativa da Europa para o Atlântico Sul. Espécies 'irmãs' das baleias que habitavam as águas costeiras do Atlântico Nordeste, as baleias avistadas nas costas do Atlântico Sudoeste eram facilmente reconhecíveis e a sua abundância - e eventual diversidade - ditava que seriam um recurso a explorar.⁵⁶

Essas práticas de circulação oceânica de longa distância colocam em contato diferentes partes do globo, conduzem a uma transferência de saber, tecnologia e conhecimento, assim como à transferência de animais, plantas, produtos e manufaturas, na dinâmica das trocas triangulares do Atlântico.⁵⁷ A chamada Primeira Globalização, que é uma globalização feita pelo oceano,⁵⁸ coloca a Europa, África e as Américas em contato, tendo como consequência o início de uma homogeneização de práticas, saberes e existências.⁵⁹

Esse é um exemplo de teleconexões ecológicas que se estabeleceram desde o início da época moderna, no Atlântico e América do Sul, como resultado dos processos expansionistas imperiais da Europa. O termo 'ecological teleconnections' foi usado por John McNeill⁶⁰ referindo-se às ligações que envolvem diferentes regiões, distantes entre si, e que acarretam consequências ambientais significativas, particularmente referindo-se às transformações energéticas e às consequências da exploração ambiental associadas e decorrentes da Revolução Industrial. Neste texto, mostramos como os animais aquáticos têm sido sistematicamente explorados, transformados e mercantilizados, e deixamos adivinhar algumas das implicações sociais, políticas, econômicas e ambientais consequentes para a época moderna. Para nós, estas interações e relações pré-industriais de longa distância, sustentadas na utilização dos mares abertos e zonas costeiras e na exploração colonial dos ecossistemas americanos, podem ser encaradas como um outro exemplo de teleconexão ecológica - uma verdadeira teleconexão oceânica.

Nesse intercâmbio, assente no processamento, transporte, circulação e venda de animais, domesticados e selvagens, e dos seus produtos, promoveu-se, de fato, uma atitude voraz e sistemática de apropriação da natureza e de extração de recursos naturais.⁶¹ A acumulação de riqueza, mas, igualmente importante, a acumulação de conhecimento e desenvolvimento de tecnologia faz-se numa direção única apesar de não serem os humanos os únicos agentes dessa narrativa histórica. Vejamos que, por exem-

55. Vieira (2023b).

56. Brito *et al.* (2016), Vieira (2018).

57. Crosby (2003).

58. Veja-se o conceito de 'Wet Globalization' em Mentz (2020).

59. Mann (2011).

60. McNeill (2019).

61. Crosby (1993), Marks (2015, p. 40-41).

62. Já na segunda metade do século XIX, na sua obra *Viagens pelo Amazonas e rio Negro*, o naturalista britânico refere ter consumido sopa de ovos de tartaruga e mixira, descrevendo também os métodos empregues para a sua captura, enquanto reflete sobre a taxonomia das espécies e a importância de observar os espécimes vivos. Faz considerações semelhantes para o manatim, discutindo se o que ali encontra será da mesma espécie com distribuição nas Caraíbas. Wallace (1939 [1889]).

63. A espécie Tartaruga-da-Amazônia *Podocnemis expansa* foi classificada como *Emys amazonica* por Spix (1824). Spix e Martius (2017).

64. Brito (2022), Holm *et al.* (2022).

65. Apolinário e Pimenta, *op. cit.* (2022).

plo, inúmeros terão sido os naturalistas europeus, de Alexandre Rodrigues Ferreira a Alfred Russel Wallace,⁶² que não só observaram como provaram carne de tartaruga ou peixe-boi aquando das suas missões à América do Sul, fazendo destes animais verdadeiros protagonistas na construção do pensamento europeu. Ao ser conhecida, consumida, manuseada e transportada, a fauna brasileira entrou nos circuitos de produção de conhecimento ocidental. Por exemplo, tanto a forma de capturar tartarugas como os hábitos comportamentais e ecológicos destes animais foram descritos aquando da *Viagem pelo Brasil* do zoólogo e botânico austríacos Johann Baptist von Spix e Carl Friedrich Martius, promovendo-se assim o desenvolvimento da taxonomia de espécies extraeuropeias, como foi o caso, entre várias outras, da chamada tartaruga-grande pelos habitantes e jaraná-açu na língua geral.⁶³

A relação dos europeus com esses animais aquáticos tropicais e com as sociedades indígenas que com eles partilhavam espaços e ecossistemas, fez-se a partir de uma posição de dominância cultural, tecnológica, económica e ideológica. Estruturou-se em redes estabelecidas entre regiões biogeográficas distintas e entre pessoas com uma cosmovisão, cosmopolítica e uma perceção da natureza muito diferente, numa lógica de exploração local dos recursos visando, mais do que uma subsistência imediata, a produção de riqueza, e numa procura que passa de local e regional a global.⁶⁴ As sociedades envolvidas neste processo extrativo, bem como os animais que permitem que tal aconteça, estão interligados em redes de dependência ecológica e interação sociocultural que se estende aos regimes imperiais da época moderna - verdadeiros sistemas eco-culturais. Podemos compreender, portanto, que a relação com a natureza é histórica e culturalmente construída e intrinsecamente relacionada com processos de apropriação e relações de poder e saber. Os modos como os europeus observaram e se relacionaram com a natureza das Américas são fruto de momentos históricos que têm eco no presente.⁶⁵

Todas essas problemáticas das interligações do passado entre as pessoas e o restante mundo animal, e muito concretamente com os seres vivos aquáticos, são prementes para a construção de novas narrativas históricas em que tanto protagonistas humanos como não humanos estejam incluídos. Mais ainda, são necessárias para a compreensão plural, transdisciplinar, multicultural e multiespecífica de um planeta em crise e para que se promovam novas e renovadas relações de empatia com o ambiente natural que sustentou impérios e nos sustenta hoje, a todas e todos.

AGRADECIMENTOS

As autoras agradecem a toda a equipa 4-OCEANS Lisboa. Este artigo resulta da investigação desenvolvida no âmbito da ERC Synergy Grant 4-OCEANS: Human History of Marine Life (GA 951649) e do projeto CONCHA (EU-H2020-MSCA-RISE-2017 research and innovation programme under grant agreement N°777998). Enquadra-se ainda no trabalho desenvolvido pelo CHAM - Centro de Humanidades, NOVA FCSH / UAc via projeto estratégico financiado pela FCT (UIDB/04666/2020 - <https://doi.org/10.54499/UIDB/04666/2020>) e pela Cátedra Unesco “O Património Cultural dos Oceanos”, Universidade NOVA de Lisboa.

SOBRE AS AUTORAS

Nina Vieira

Historiadora ambiental, membro da equipe do projeto em sinergia ERC “4-Oceans: Human History of Marine Life”. É licenciada em Biologia, Mestre em Ecologia Marinha e Doutora em História na área História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa pela mesma instituição. Atualmente, é a Representante Regional de Portugal na Sociedade Europeia de História Ambiental (ESEH). E-mail: ninavieira@fcs.unl.pt.

Ana Catarina Garcia

Doutora em História, especialidade em Arqueologia, pela NOVA FCSH. Mestre em História Insular e Atlântica e Licenciada em História. É investigadora integrada do Centro de Humanidade (CHAM), do Grupo de Ambiente, Interações e Globalização, que coordena, e do projeto em sinergia ERC “4-Oceans: Human History of Marine Life” e do projeto exploratório do CHAM ‘DUST’. E-mail: catarinagarcia@fcs.unl.pt.

Cristina Brito

Professora Associada do Departamento de História da NOVA FCSH, onde ensina História das Expansões Europeias e orienta vários estudantes no campo das História Ambiental. É investigadora sênior do CHAM, onde também é sub-diretora, e é atualmente a Investigadora Principal do projeto em sinergia ERC “4-Oceans: Human History of Marine Life”. É doutora em História pela NOVA FCSH, mestre em Etologia e licenciada em Biologia. E-mail: cbrito@fcs.unl.pt.

REFERÊNCIAS

Fontes manuscritas

AHU_ACL_CU_005, Cx. 26, D. 4894 (Bahia Eduardo de Castro e Almeida, 1760). INSTRUMENTO do Inventários dos ornamentos, ouro, prata e mais alfayas, pertencentes a Igreja do Seminário de Betlem, que foi dos Religiosos da Companhia denominada de Jesus, e de que tomou posse o Cabido da Sé da Bahia, por ordem de S. M. que Deos goarde, com os termos, assim da conferencia e concordia respectiva aos ditos bens, da entrega delles. Disponível em: https://bit.ly/AHU_BA_CA. Acesso em: 14 set. 2023.

AHU_ACL_CU_005, Cx. 54, D. 10432 (Bahia Eduardo de Castro e Almeida, 1779). CARTA do Arcebispo D. Joaquim Borges de Figueirôa para Martinho de Mello e Castro, em que se refere á remessa de uma anta e uma tartaruga grande, que offercia para a Quinta Real de Queluz. Disponível em: https://bit.ly/AHU_BA_CA. Acesso em: 14 set. 2023.

AHU_ACL_CU_009, Cx. 14, D. 1415 (Maranhão, 1724). CARTA do governador e capitão-general do Estado do Maranhão, João da Maia da Gama, ao rei D. João V, sobre a despesa feita com quatro barris de peixe-boi e da impossibilidade de se carregarem navios com eles, pela dificuldade em capturá-los. Disponível em: <https://bit.ly/MARANHAO>. Acesso em: 14 set. 2023.

AHU_ACL_CU_009, Cx. 45, D. 4401 (Maranhão, 1771). RECIBO do [capitão do navio São Lázaro], José de Oliveira Bulhões, a declarar a posse de um embrulho de tartaruga, enviado pelo governador da capitania do Maranhão, Joaquim de Melo e Póvoas, para o [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro. Disponível em: <https://bit.ly/MARANHAO>. Acesso em: 14 set. 2023.

AHU_ACL_CU_013, Cx. 71, D. 6064 (Pará, 1773). OFÍCIO do governador e capitão general do Estado do Pará e Rio Negro, João Pereira Caldas, para o [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre a construção de um armazém solicitado pelos administradores da Companhia Geral de Comércio do Grão-Pará e Maranhão na cidade de Santa Maria de Belém do Pará, com autorização da Junta [Real do Comércio]; o estabelecimento das comunicações terrestres entre as capitanias do Pará, São Luis do Maranhão e Piauí, necessárias à introdução de gado daqueles sertões tão necessário na cidade de Santa Maria de Belém do Pará e nos da Ilha de Marajó; e envio de algumas sacas de café, de arroz e de cascos de tartarugas, oriundos daquele Estado para o Reino, a cargo do capitão Joaquim José das Mercês. Disponível em: https://bit.ly/AHU_PA. Acesso em: 14 set. 2023.

AHU_ACL_CU_013, Cx. 98, D. 7785 (Pará, 1788). OFÍCIO de Luís Pereira da Cunha para o [secretário de Estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, remetendo vários produtos naturais secos e galantarias daquele Estado, de entre os quais algumas plantas e animais vivos, como tartaugas e javalis, para o Real Gabinete de Lisboa, a bordo da charrua "Águia [e Coração de Jesus]", de que é comandante o tenente de Mar António José Monteiro. Disponível em: https://bit.ly/AHU_PA. Acesso em: 14 set. 2023.

AHU_ACL_CU_013, Cx.103, D. 8130 (Pará, 1793). OFÍCIO [do capitão general do Estado do Pará e Rio Negro], D. Francisco [Maurício] de Sousa Coutinho, para o [secretário do estado da

Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, remetendo alguns barris de carne salgada e peixe-boi oriundos da vila de Chaves, a bordo da charrua "[Santo António] Providência". Disponível em: https://bit.ly/AHU_PA. Acesso em: 14 set. 2023.

AHU_ACL_CU_020, Cx. 1, D. 28 (Rio Negro - Amazonas, 1755). OFÍCIO do governador do estado do Grão-Pará e Maranhã, Francisco Xavier de Mendonça Furtado ao secretário de estado da Marinha e Ultramar, Diogo de Mendonça Corte Real sobre a viagem que fez do Pará para o arraial de Mariauá. Disponível em: https://bit.ly/AHU_RN. Acesso em: 14 set. 2023.

AHU_ACL_CU_020, Cx. 10, D. 401 (Rio Negro - Amazonas, 1785). OFÍCIO do [encarregado das demarcações do Rio Negro e capitão-general] João Pereira Caldas, para o [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, a enviar relações de contas de receitas e despesas da expedição de demarcação dos limites na fronteira da capitania do Rio Negro, do ano de 1784. Disponível em: https://bit.ly/AHU_RN. Acesso em: 14 set. 2023.

Fontes impressas

BRITO, Bernardo Gomes de. *Historia tragico-maritima...* Lisboa: Officina da Congregação do Oratorio, 1735-1736.

CAMINHA, Pero Vaz de. *A Carta de Pero Vaz de Caminha*. Estudos de Manuela Mendonça e Margarida Garcez Ventura. Prefácio de Joaquim Veríssimo Serrão. Ericeira: Mar de Letras, 1999.

CRUZ, Alonso de Santa. *Alonso de Santa Cruz y su obra cosmographica*. Madrid: Instituto "Gonzalo Fernández de Oviedo", 1984. v. 2.

D'EVREUX, Ivo. *Viagem ao norte do Brasil feita nos annos de 1613 a 1614...* Maranhão: Typ. do Frias, 1874.

FERREIRA, Alexandre Rodrigues. *Viagem filosófica pelas capitánias do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá*. [S. l.]: Conselho Federal de Cultura, 1972.

GLASSE, Anna. *The art of cookery*. London: L. Wangford, 1747.

LISBOA, Frei Cristóvão de. *História dos animais e árvores do Maranhão*. Estudo de Jaime Walter. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses/ IICT, 2000.

SOUSA, Gabriel Soares de. *Tratado descriptivo do Brasil*. Edição de Francisco Adolpho de Varnhagen. Rio de Janeiro: Typographia de João Ignacio da Silva, 1879 [1587].

SPIX, Johann Baptist von; MARTIUS, Carl Friedrich. *Viagem pelo Brasil (1817-1820)*. Tradução de Lúcia Furquim Lahmeyer. Brasília: Senado Federal, 2017.

VASCONCELLOS, Simão de. *Notícias curiosas, e necessarias das cousas do Brasil*. Livro I. Lisboa: Na officina de Ioam de Costa, 1668.

WALLACE, Alfred Russel. *Viagens pelo Amazonas e rio Negro*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939 [1889].

VARNHAGEN, Francisco Adolpho de. *História Geral do Brazil...* Tomo Primeiro. 1. ed. Madrid: Imprensa V. de Dominguez, 1854.

Livros, artigos e teses

APOLINÁRIO, Juciene R.; PIMENTA, Tânia S. Natureza e História: produções e saberes sobre as plantas em processos de circularidades científicas e nas relações interétnicas no passado e no presente. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, v. 17, n. 1, p. 1-9, 2022. DOI: 10.1590/2178-2547-BGOELDI-2022-0026.

ASÚA, Miguel de; FRENCH, Roger. *A New World of Animals: Early Modern Europeans on the Creatures of Iberian America*. [Londres]: Routledge, 2005.

BRITO, Cristina. People, Manatees and the Aquatic Environment in Early Modern Americas: Confluence and Divergence in the Historical Relationships Between Humans and Animals. *Revista Brasileira de História*, 21 p., 2019. DOI: 10.1590/1806-93472019v39n81-08.

BRITO, Cristina. Uma Agenda de Investigação nas Humanidades Azuis: Exploração dos Ambientes Aquáticos e os 4 Oceanos em Épocas Pré-Industrialização. *HALAC: Historia Ambiental, Latinoamericana y Caribeña*, v. 12, n. 2, p. 459-474, 2022. DOI: 10.32991/2237-2717.2022v12i2.p459-474.

BRITO, Cristina. *Humans and aquatic animals in early modern America and Africa*. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2023.

BRITO, Cristina; VIEIRA, Nina; JORDÃO, Vera; TEIXEIRA, António. Digging into our whaling past: Addressing the Portuguese influence in the early modern exploitation of whales in the Atlantic. In: MELO, Cristina Joanaz de; VAZ, Estelita; PINTO, Lígia M. Costa (ed.). *Environmental History in the Making*. Volume II: Acting. S.l.: Springer International Publishing, 2016. p. 33-47. DOI: 10.1007/978-3-319-41139-2_3.

BUISSERET, David. *Jamaica in 1687: the Taylor manuscript at the National Library of Jamaica*. Kingston: University of West Indies Press, 2001.

CAÑIZARES-ESGUERRA, Jorge. The “Iberian” Justifications of Territorial Possession by Pilgrims and Puritans in the Colonization of America. In: CAÑIZARES-ESGUERRA, Jorge (ed.). *Entangled Empires: The Anglo-Iberian Atlantic, 1500-1830*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2018. p. 161-177.

CHILDS, David. *Invading America: The English Assault on the New World 1497-1630*. Havertown: Seaforth Publishing, 2012.

CROSBY, Alfred. *Imperialismo ecológico: a expansão biológica da Europa, 900-1900*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CROSBY, Alfred. *The Columbian exchange: biological and cultural consequences of 1492*. 30th anniversary edition. Westport: Praeger Publishers, 2003.

DUARTE, Regina Horta. História dos animais no Brasil: tradições culturais, historiografia e transformação. *HALAC: Historia Ambiental, Latinoamericana y Caribeña*, v. 9, n. 2, p. 16-44, 2019.

DUARTE, Regina; LOPES, Gabriel; CARVALHO, Natascha; FILHO, Nelson. Reciprocidades em desequilíbrio: história das relações entre animais. *História, Ciências, Saúde: Manguinhos*, v. 28, p. 11-14, 2021. DOI: 10.1590/S0104-59702021000500001.

DUARTE, Regina Horta; SWART, Sandra; SOLURI, John. Introduction: New Geographies in Animal History. *Global Environment*, v. 16, p. 7-11, 2023. DOI: 10.3197/ge.2022.160101.

ELLIOTT, John H. *Imperios del mundo Atlántico: España Y Gran Bretaña en América (1492-1830)*. Madrid: Taurus historia, 2011.

FIORI, Marlon M.; SANTOS, Christian F. M. dos. *A carne, a gordura e os ovos: colonização, caça e pesca na Amazônia*. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2015.

FIORI, Marlon M.; SANTOS, Christian F. M. dos. Colonizadores portugueses, tartarugas e peixes-boi: uma história da busca por carne, gordura e combustível na Amazônia do século XVIII. *Dialogos*, Maringá, v. 17, p. 1247-1257, 2013. DOI: 10.4025/dialogos.v17i3.805.

GILMORE, Raymond M. Fauna e etnozoologia da América do Sul tropical. In: RIBEIRO, Darcy (ed.); RIBEIRO, Berta G. (org.). *Suma etnológica brasileira*. Petrópolis: Vozes, 1987. v. 1, p. 187-234.

HARRIS, Mark. Revisiting first contacts on the Amazon 1500-1562. *Tempo*, v. 23, n. 3, p. 509-527, 2017. DOI: 10.1590/TEM-1980-542X2017v230306.

HOLM, Poul. SDG14: Exploiting and Managing the Alien and Unseen World below Water. In: GUTMANN, Martin; GORMAN, Daniel (ed.). *Before the UN Sustainable Development Goals*. Oxford: Oxford University Press, 2019. p. 425-447.

HOLM, Poul; BARRETT, James; BRITO, Cristina; LUDLOW, Francis. New challenges for the Human Oceans Past agenda. v.1. *Open Research Europe*, v. 2, n. 114, 2022. DOI: 10.12688/openreseurope.15095.1.

MANN, Charles C. *1493: Uncovering the new world Columbus created*. New York: Vintage Books, 2011.

MARKS, Robert B. Exhausting the Earth: environmental and history in the early modern world. In: BENTLEY, Jerry H.; SUBRAHMANYAM, Sanjay; WIESNER-HANKS; Merry E. (eds.). *The Cambridge world history*. Volume VI: the construction of a global world, 1400–1800 CE, part 1: foundations. Cambridge: Cambridge University Press, 2015. p. 29-53.

McNEILL, John R. Cheap Energy and Ecological Teleconnections of the Industrial Revolution, 1780-1920. *Environmental History*, v. 24, p. 492-503, 2019. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/10.1093/envhis/emz006>. Acesso em: 15 out. 2024.

MENTZ, Steve. *Ocean*. [Londres]: Bloomsbury Publishing, 2020.

NORTON, Marcy. *The tame and the wild: people and animals after 1492*. [Cambridge]: Harvard University Press, 2024.

NUNN, Nathan; QIAN, Nancy. The Columbian exchange: A history of disease, food, and ideas. *Journal of Economic Perspectives*, v. 24, n. 2, p. 163-188, 2010. DOI: 10.1257/jep.24.2.163.

OVERAL, William Leslie. O peso dos invertebrados na balança de conservação biológica da Amazônia. In: CAPOBIANCO, João P. Ribeiro; VERÍSSIMO, Adalberto; MOREIRA, Adriana, SAWYER; Iza dos Santos; PINTO, Luiz Paulo (org.). *Biodiversidade da Amazônia brasileira: avaliação e ações prioritárias para a conservação, uso sustentável e repartição de benefícios*. São Paulo: Estação Liberdade/Instituto Socioambiental, 2001. p. 50-59.

PARSONS, James J. Sea Turtles and Their Eggs. In: KIPLE, Kenneth F; ORNELAS, Kriemhild Concè (ed.). *The Cambridge world history of food*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. v. 1, p. 567-573.

SANTOS, Christian F. M. dos; FIORI, Marlon M. Coletar tartarugas, arpoar peixes-boi e salgar pirarucus: caça, pesca e a história da Amazônia colonial. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA AMBIENTAL E MIGRAÇÕES, 4., 2016, Florianópolis. *Anais [...]*. Florianópolis, 2016.

SANTOS, Christian F.M. dos; FIORI, Marlon M. Turtles, indians and settlers: *Podocnemis expansa* exploitation and the Portuguese settlement in eighteenth-century Amazonia. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 44, p. 350-373, 2020. DOI: 10.1590/2237-101x02104404.

SEIXAS, Maria Lucília B. *A natureza brasileira nas fontes portuguesas do século XVI: para uma tipologia das grandezas do Brasil*. Viséu: Passagem Editores, 2003.

VERÍSSIMO, José. *A Pesca na Amazônia*. Rio de Janeiro: Livraria Clássica de Alves & C., 1895.

VIEIRA, Nina. A comparative approach to historical whaling techniques: transfer of knowledge in the 17th century from the Biscay to Brazil. In: POLÓNIA, Amélia; BRACHT, Fabiano;

CONCEIÇÃO, Gisele C.; PALMA, Monique (ed./coord.). *Cross-cultural exchange and the circulation of knowledge in the first global age*. Porto: CITCEM; Edições Afrontamento, 2018. p. 133-156.

VIEIRA, Nina. *A taxonomia da baleação portuguesa entre os séculos XV e XVIII: uma história atlântica do mar, das baleias e das pessoas*. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2020.

VIEIRA, Nina. Whales lost and found: rescuing a history of biodiversity loss in early modern Brazil. *Exchanges: The Interdisciplinary Research Journal*, v. 10, n. 2, p. 106-130, 2023a. DOI: 10.31273/eirj.v10i2.976.

VIEIRA, Nina. A Story of whales and people: the Portuguese whaling monopoly in Brazil (17th and 18th Centuries). *HALAC: Historia Ambiental, Latinoamericana y Caribeña*, v. 13, n. 3, p. 20-48, 2023b. DOI: 10.32991/2237-2717.2023v13i3.p20-48.

VIEIRA, Nina; BRITO, Cristina. Brazilian manatees (re)discovered: Early modern accounts reflecting the overexploitation of aquatic resources and the emergence of conservation concerns. *The International Journal of Maritime History*, v. 29, n. 3, p. 513-528, 2017. DOI: 10.32991/2237-2717.2023v13i3.p20-48.

VIEIRA, Nina; BRITO, Cristina; ROQUE, Ana Cristina. Aquatic animals, now and then: Appropriation of nature in Portuguese America and early notions of overexploitation and human impact. In: ROQUE, Ana Cristina; BRITO, Cristina; VERACINI, Cecilia (ed.). *Peoples, nature and environments: learning to live together*. [Newcastle upon Tyne]: Cambridge Scholars Publishing, 2020. p. 68-82.

VILLALOBOS, Martha L.S. *Cocinas tradicionales*. Bogotá: Archivo General de la Nación de Colombia, 2021.

WARSH, Molly A. *American baroque: pearls and the nature of empire, 1492-1700*. Williamsburg: Omohundro Institute of Early American History and Culture, 2021.

WING, Elizabeth S. Animals Used for food in the past: as seen by their remains excavated from archaeological sites. In: KIPLE, Kenneth F.; ORNELAS, Kriemhild Coneè (ed.). *The Cambridge World History of Food*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. v. 1, p. 51-57.

Artigo apresentado em: 19/09/2023. Aprovado em: 06/05/2024.



All the contents of this journal, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution License